

207  
Anno II RIO DE JANEIRO N. 4



# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA

PUBLICAÇÃO MENSAL

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Licínio Cardoso, M. Valladão, Tito Amaral,  
Sergedello Corrêa e Pão Brasil.

ABRIL DE 1879

RIO DE JANEIRO  
TYPOGRAPHIA COSMOPOLITA  
31 - RUA DO REGENTE - 31

# REVISTA

DA SOCIEDADE

## PHENIX LITTERARIA

SUMMARIO. — A civilisação. — Othello. — O amor paternal e a ingratidão filial. — Poesias: Recordação. — Nenia. — Equívoco. — Chronica.

### A civilisação

(A' VOL D'OISEAU)

O passado é um sepulchro; o passado é um templo: sepulchro enorme onde dorme tranquillo o cadaver herculeo das gerações delidas; templo magestoso onde fulgura e se ostenta a imagem augusta da Humanidade.

O passado é um labyrintho intrincado. A historia é a meada de Ariadne, que dirige os passos timidos de Theseu.

Penetrar nas trevas densas do passado é lançar-se viajor arrojado no seio das ondas enfurecidas e agitadas dos seculos.

Ha Scylla e Charibides.

A historia é a Medea que cobre benefica o denodado Jason. A verdade é o velocino.

O passado é uma campanha heroica, é um duelo titanico, é uma luta gigante ferida entre a Humanidade, esse homem eterno na phrase de Pascal, e a legião cerrada das forças da natureza.



Luta sangrenta, cheia de mil peripecias. Serie continua de victorias e de derrotas, de triumphos e de desastres.

Os seculos são campos de cadaveres, mas cada pagina da historia é um raio de luz á resplandecer na frente de um heroe.

A Humanidade é mais valorosa que o fabuloso Achilles. Tem pontos vulneraveis; não recebeu o banho da Stige.

Quando o sol da historia rasga as trevas densas do passado, divisa-se a estatua perenne da Humanidade como o colosso de Rhodes a avassalar os tempos, a dominar as idades.

O seculo XIX entõa a epopéa das priscas eras.

A sciencia rasgou o véo mythologico do sanctuario da Biblia, despedaçou a ficção da theologia Mosaica, mas deixou subsistir a traducção historica do mytho.

Adão, o nú, o miseravel homem primitivo luta com o poder discretionario do Altissimo. Vence as forças da natureza. Come o fructo da arvore da sciencia do bem e do mal. O trabalho não é um castigo apesar da lenda biblica. O trabalho ennobrece. O homem comerá o pão com o suor do seu rosto. (Genesis)

O peccado original não significa uma queda, é um progresso. O Paraiso não era a idade de ouro. Era a treva, a impotencia. Comer o fructo é descobrir o elemento do trabalho. Nascia o commercio entre o homem e a mulher. Plantava-se o germen do instincto sexual, essa fonte d'onde dimanou o laço aperfeiçoado que copula os conjugues.

A lucta é caracteristico da historia. Lucta do homem contra a natureza interna e externa.

A historia é o livro onde se registraõ os fastos da Humanidade, a taboa sagrada onde ella inscreve os seus decretos. Ha uma Providencia demonstrada pela historia, ha uma Providencia affirmada pelo progresso. E' o dedo d'essa Providencia que traça a rota da civilisação e determina a trajectoria da evolução. E' a Humanidade em sua marcha rectilinea e accelerada. Vico esboçou ao longe a imagem d'essa Providencia real, quando procurava a equação da curva fechada que seguem as sociedades em sua progressão. A Providencia ficticia e imaginaria do auctor da *scienza nuova* não se demonstra pelo methodo rigoroso da filiação historica.

O eminente Bossuet demonstrou *ad absurdum* a mão de Deus na queda dos imperios. A Providencia divina revelava-se ao illustre desterrado de Pathmos e predizia a queda de Roma. Daniel lera em caracteres de fogo o



*mane, thecal, phares* do festim de Balthazar. Os phenomenos sociaes não têm leis.

Seguem a corrente do acaso? Não. São determinados pela mão de Deus. Roma foi demolida pelo sopro divino.

O presente contempla a Humanidade no vertice das construcções graníticas do passado. Ali é o marco de uma victoria. O Sinai significa uma estação da civilisação, onde se codificaram as maximas de moral.

Não se póde denegrir á luz da historia. A verdade é como o sol esplendido que matiza o firmamento azul. Não se apaga; espança os nevoeiros sombrios.

E a verdade é a Humanidade lutando nos tempos primitivos.

A sciencia não admite o *homo homini lupus* do philosopho inglez, ou ao menos restringe-o.

O homem é naturalmente social. Mas a sciencia que regeita o paraizo terreal do genesis, regeita igualmente *l'état de nature* do philosopho de Genebra. Pela bocca de Rousseau a metaphysica condemnava o progresso.

Temos diante de nós a prehistoria. Sob as camadas do globo que habitamos, esta porção insignificante do mundo, esta differença do universo si nos permitem a expressão analytica, a sciencia encontrou o homem primitivo. O Adão da lenda biblica, não no paraizo de delicias, mas na caverna escura, ao lado do machado de pedra, que significa a conversão á seu beneficio das forças que a natureza lhe depara.

O homem é fraco e tem diante de si o animal monstruoso. A pedra é a alavanca que lhe dá forças na luta. Lavra-a mais tarde, e usa-a até a descoberta grandiosa de *Tubalcain*. O homem está nu, sem um tecto, sem um abrigo e tem diante de si as intemperies do tempo. Occulta-se nos antros: é a sua primeira morada.

Timorato escuta a descarga electrica; ouve aterrado o estrondo da electricidade nas nuvens, e prostra-se diante do céu. E' a primeira forma do culto. *Timor fecit Deum*.

A curiosidade é um ponto de interrogação. Porque? A ignorancia é peremptoria e resoluta ante os quesitos. A natureza humana criou Deus á sua imagem. *Il faut-drait l'inventer*. O homem si não obedecia cegamente o instincto, obrava voluntariamente.

A vontade do homem transfere-se para os phenomenos naturaes. O céu é a entidade suprema.

Temos o homem primitivo diante de nós, o homem fossil de Cuvier. O instincto sexual arrasta-o para o lar. E este instincto primitivo grosseiro dá em resultado a



família cimentada pela infância prolongada, e pela longa prole. A natureza humana determina a sociabilidade.

O homem primitivo tem necessidades. Satisfaz-as. Exerce a sua acção dentro dos limites que a natureza lhe prescreve. Em face de seu semelhante deve restringir a satisfação de suas necessidades. O respeito e garantia mutuos d'esta satisfação gerão os primeiros direitos e deveres correlatos. Direito presuppõe lei, isto é, relação.

Este fundo tosco é o painel das primeiras idades.

E' a idade aurea que a critica historica arrancou á revelação do passado. A terra é um deposito precioso do segredo das gerações que foram. A geologia e a archeologia são duas irmãs congenitas.

Fallão a mesma linguagem, a linguagem pre-hieroglyphica. As camadas geologicas são os grãos da escala do thermometro do universo. Medem o calor do globo, e assignalão os estados successivos da civilisação. A historia da vida percorre um ramo de parábola. O ramo descendente mergulha-se no escuro, no incognito, na treva do passado; o ramo ascendente penetra no infinito illegivel, indecifrável.

Esse incognito, essa sombra do passado é o que se chama o *cahós*. A sciencia tem o seu *cahós*, como o *genesis*. Mas a sciencia não tem o *fat lux* de Deus. Eis ahi a enorme distancia que a extrema do sobrenaturalismo. Sabe que houve uma noite sombria na successão do tempo. Era a materia disseminada no universo. Não havia calor e não havia luz. O movimento se transforma em calor e em luz. A apparição da vida no globo é o problema insolúvel da natureza. Traduz-se analyticamente, mas essa equação só tem raizes imaginarias. Uma raiz é Deus formando o homem do limo do Eden. Outra raiz são as forças physico — chemicas postas em jogo n'um momento preciso do resfriamento do globo.

Cada par de raizes dá assim uma solução theologica e uma solução metaphysica do problema. Nenhuma das soluções é real; e a sciencia para ante a impossibilidade de por em equação esse problema que só teria uma solução. Apoz o *cahós* vem a formação do universo e do mundo.

Moysés adivinhou a verdade que a archeologia devia pôr em luz um dia. A vida é a ultima força que apparece; e o homem é a ultima palavra da apparição da vida animal. Mas o que espera o homem é a luta das primeiras idades. Apoz o nucleofamilia nascido do instincto sexual, vem o nucleo tribu, o nucleo cidade, o nucleo nação. O homem não colhe apenas o fructo que se lhe depara em



suas excursões no seio das florestas espessas, onde o amedronta o urro da fêra. O homem arma o arco e mata o animal que o surpreheende e ataca. O arco é um progresso do genio industrial; é uma arma aperfeiçoada. Já é de então proprietário. O arco armado, a pedra por elle polida são o resultado do seu trabalho. Applica-se á fecundar a terra. Remove-a, semêa e colhe. E' agricultor e n'estes primeiros tempos se mergulha as raizes do direito de propriedade territorial. Domestica os animaes que não offendem, e serve-se d'elles para os seus trabalhos.

Apascenta os seus rebanhos no campo verdejante. E é escutando o murmurio do regato no leito de alvacen-tas pedrinhas, é ouvindo o rumorjar do vento na folha-gem dos arvores, é ao sentir o canto melodioso da ave no galho da palmeira virente ao despontar do sol brilhante da primavera que o pastor entoia innocente os primeiros idilios.

Não ha associação sem governo, como não ha barca sem piloto, como não ha circulo sem centro.

Forças que convergem dão uma resultante unica. Na sociedade essa resultante chama-se governo. A tribu tem um chefe como a familia. N'essa primeira idade o homem é feticlista. Prostra-se ante a serpente, adora o boi Apis que o auxilia a cultivar os campos, teme conju-rar o crocodilo que o amedronta, ou a cegonha que pro-gnostica as enchentes fecundantes do Nilo.

E' da unificação das tribus, da combinação dos nomes que surgem os grandes imperios. A civilisação ostenta-se já no limiar do mundo historico. Sem um longo e traba-lho passado, não se comprehende a pujante manifesta-ção do progresso em Thebas, Memphis, Babilonia e Ni-nive.

Sem uma lenta e trabalhosa operação philosophica não se comprehende o polytheismo egypcio ou asiatico, como não se comprehende a revolução politica dos pha-raós. A sciencia incumbe-se de integrar a differencial da historia. E' um processo arduo e difficilissimo. Acha o metho-do geral é até hoje o impossivel do genero humano. A his-toria do passado é absorvida pela historia dos grandes im-perios. Nascer, crescer e morrer é a lei da vida. Por isso Vico assignalava os tres estadios da civilisação. Mas a ci-vilisação enriquece-se com a cinza dos imperios. E sobre as ruínas do passado que se levanta o edificio do presente, como sobre os restos desmoronados do presente se erguerá o futuro. As gerações de hoje preparam o material para as gerações de amanhã. Aqui está a lei do progresso. Isto



constitue a continuidade do genero humano. A Humanidade não deixa de caminhar um dia. Não ha periodo de trevas na historia que não seja acompanhado de um crepitar sinistro, que não seja o prologo de um grande e deslumbrante incendio. E' o peso dos materiais que soffoca a chama. Mas esta irromperá esplendida e deslumbrante.

Grecia e Roma atestão a marcha constante da Humanidade. Grecia e Roma são oasis verdejantes do Sahara do passado, estrellas radiantes engastadas no céu escuro das idades decorridas.

Ha homens que incarnão seculos, ou antes ha epocas que se individualisão. Homero é a representação da Grecia, a incarnação de uma civilisação possante. A Grecia é ponto luminoso da historia. A civilisação hellenica era a onda que subia dos tempos primitivos, trazendo em sua superficie, os despojos das gerações precedentes. E a aguia da Thessalia, batendo as candidas azas, lançou-se em seu vôo altivo por sobre o vertice altaneiro da molle de Cheops.

A Grecia foi o berço fecundo da civilisação moderna. E' lá, no solo hellenico, que se achão mergulhadas as raizes profundas da positividade scientifica.

A Grecia é a mãe fecunda dos grandes genios. Fallar na Grecia é fallar em Thales e em Pithagoras, é fallar em Democrito e Epicuro, é fallar em Aristoteles, o genio mais potente da antiguidade toda.

A civilisação grega foi uma civilisação multiple e dissiminada. Era um quadro monumental mas sem unidade.

Roma foi a organização mais solida e mais una. Foi o polypo monstruoso que abarcou o mundo. Roma foi a unidade temporal, uma unificação social realzada pela guerra, uma universalidade fundada pela força material. Tinha em si os germens de sua ruina e decadencia futura.

Era o manipulo que abria a estrada da civilisação, o pilum que aplanava o terreno para o edificio do progresso. Essa unificação á viva força era precaria e fallaz.

E Roma, esse primitivo nucleo modesto da margem do Tibre, Roma tornada a lampada do universo, vio apagar-se a luz que irradiava ao sôpre impetuoso do tempo.

Não era uma queda *ex-abrupto*. Era o polytheismo diluido pelo monotheismo que o vinha substituir e succeder. Era a vigorosa organização romana cedendo o passo á mais vigorosa organização chrystã. A unificação temporal recuando ante a unificação espiritual que avançava. Era o *civis romanus sum* substituido pelo *homo sum*.



Attila abriu as portas da idade media e os povos barbaros entravam na communhão social. Escutava-se já a palavra do philosopho nazareno, e São Paulo apostolava para as gentes. *Euntes ergo et docentes...*

A humanidade é uma grande familia, tem um só pai, é Deus.

O chrystianismo e o feudalismo encontrarão-se no limiar da idade media: erão duas forças convergentes, a resultante determinara a marcha do genero humano.

A civilisação não aniquilou-se com a queda do monstruoso imperio de Augusto. O progresso não sabe recuar, avança sempre. A idade media é uma idade progressiva. E' o grande peccado da philosophia positiva, é o crime horrendo que lhe não perdoou as diversas seitas methaphysicas. Estão no seu direito não aprofundando o estudo da filiação historica, mas não estão no seu direito obscurecendo as verdades da critica philosophica.

O chrystianismo levantou o edificio da moral, sacudindo a tutela da politica.

*Cesaris Cesari, Deo Dei.*

A escravidão antiga transforma-se na servidão feudal. O cancro tendia á extirpar-se; era um ponto negro, que não escaparia aos raios fulgentes da civilisação. A moral constituindo-se sob o triplice ponto de vista individual, domestico e social, garantia e firmava a dignidade humana, lançava os fundamentos da familia, e avigorava a organização dos estados, que irrompendo do mundo barbaro recebiam em seu seio os detritos da civilisação grego romana.

A idade media significa um progresso. A linha da evolução social não tem solução de continuidade.

E dos braços da organização vigorosa da idade media, o mundo lançava-se no collo da democracia revolucionaria ao estampido colossal da explosão de 89. O christianismo e o Feudalismo diluindo-se espontaneamente, vião erguer-se ao seu lado o edificio da Positividade.

A idade media fôra sem interrupção continuada pela idade moderna, e essa transicção era saudada pelo ribombar do canhão de Guttemberg, arremessando os seus projectis sobre o solo do continente, que Colombo descobrira abrindo a cortina do espaço. A guerra defensiva do Feudalismo devia ceder o passo á installação do reinado da industria.

A' revolução negativa e demolidora da metaphysica, devia succeder a revolução positiva e organisadora da sciencia. A sciencia não arraza senão para edificar.

A idade moderna é a idade positiva da humanidade.



A sciencia é o pharol erguido pela geração moderna; e será a columna de fogo que dirigirá as gerações futuras pela vasta peregrinação do mundo.

Sacudindo a tutela de Deus e das abstrações metaphysicas, o espirito moderno acastella-se no mundo da observação e da experiencia, e não conhece outro terreno que lhe seja accessivel.

A instrucção é e deve ser o grande problema do socialismo moderno. Só a sciencia positiva fará despontar a aurora da regeneração social e presidirá á installação da verdadeira e racional organização politica. Declamem embora contra ella os democratas revolucionarios da igualdade absoluta ou os retrogrados do absolutismo á todo o transe.

Trabalhar no campo restricto, mas fecundo e exuberante da sciencia, é trabalhar em prol da grande revolução da idade moderna.

E todos aquelles que o fazem merecem a denominação de positivistas, e collaboram consciente ou inconscientemente na portentosa obra de Augusto Comte.

16 de Maio de 1879.

Lauro Sodré.

## Othello

Lamartine, o immortal cantor do Jocelyn, assim se exprime com relação ao Othello: Othello ce n'est que le roi des mélodrames. Un vieux More, qui a bien servi la république de Venise, inspire une passion ardente et sincère à Desdemona, fille d'un citoyen vénitien, et l'épouse. Il y a dans sa domesticité un vil traître appelé Iago, qui craint l'influence de la nouvelle épouse sur le More et qui cherche à lui inspirer d'odieux soupçons contre la fidélité de Desdemona. Othello est envoyé par la république à Chypre, pour la défendre contre la flotte des Turcs qui doit l'attaquer. La tempête engloutit la flotte. Othello,



acompanhado de Cassio, seu bravo e fidedel lieutenant, arrive dans l'île; Iago, par une série de perfidies, parvient à donner à Desdemona les apparences du crime avec l'innocent lieutenant Cassio. Othello entre dans la fureur jalouse et sombre attribuée à sa race.

Voici la dernière scène de cette abominable boucberie plutôt que tragédie: il y a horreur, mais peu de talent; ce sont les actes et les cris forcenés d'un insensé qui étouffe celle qu'il adore; l'horreur seule a attaché le peuple à cette abomination. Voici l'acte du crime, toute la tragédie dans les dernières scènes; on en jugera. Cela est à mille lieues d'Hamlet et même de Macbeth. (1)

Não temos a velleidade de querer antepôr a nossa humilde opinião à do maior lyrico do século, d'essa alma repleta de bondade e poesia, cujas composições divinas são outras tantas joias para a humanidade. Comtudo não deixaremos de manifestar-lhe, mostrando ao mesmo tempo a causa que levou o eminente poeta a votar tal antipathia a esse drama, que tantas lagrimas tem arrancado, de envolta com os mais justos e estrepitosos applausos.

Lamartine era uma alma pura e candida, por excellencia; foi uma d'essas organizações felizes onde jamais pairou um sentimento que não fosse nobre e elevado, e que, semelhantes a debil plantinha que ao mais leve choque de finha e morre, sentem dilacerarem-se-lhes as fibras, ao contacto das impurezas da vida.

N'elle tudo era placidez e bondade, e, por isso mesmo, quantas vezes encarando o mundo pelo prisma diaphano de sua alma, não julgou vê-lo, quando apenas tinha ante os olhos a imagem pura de seo magnanimo coração?

Isto foi a causa de sua injustiça para com o Othello. Repugnavam-lhe essas scenas onde predomina o horriavel e que apparecem como uma fatalidade; porque são o epilogo necessario á outros tantos desvios da razão humana.

Lamartine levado pela bondade excessiva via sempre a perfeição; Shakespeare, porém, não somente em nobres qualidades, tinha comtudo o poder de evitar a influencia d'estas quando observava a sociedade. Conhecedor profundo do coração humano, soube, com o escalpello de seo prodigioso genio, discriminar um a um todos os sentimentos, todas as paixões e todos os vicios que n'elle resi-

(1) Shakespeare et son œuvre.



dem e apresental-os na téla universal, sob o colorido de seo pincel divino.

Conhecendo o homem e suas tendencias todas, boas e más, desenhou-o, aos seus próprios olhos. E cada um destes sentimentos, paixões ou vícios, capazes de arrastal-o aos mais abominaveis crimes, teve a sua personificação. Assim como creou Romeo, Julietta, Ophelia, Hamlet e Desdemona; creou Claudio, Lady Macbeth, Macbeth, e o abominavel Iago. Teve cores bellissimas para pintar-nos o amor em Romeo e Julietta, em Ophelia a sublimidade da loucura, pela dor; em Hamlet a revolta de uma alma nobre contra sua propria fraqueza, para uma vingança legitima, como diz Goethe; (1) tambem as teve bem negras para dar-nos a imagem horripilante da ambição em Lady Macbeth, arrastando ao abyssmo do crime aquelle que pudera ter sido um homem bom e que, desviado do seu caminho, fora condemnado a ter sempre diante dos olhos o espectro de suas victimas innocentes, esmagando-o sob o peso do remorso.

Quanto ao Othello, que é o objecto de nossas considerações, vejamos o que nos quiz mostrar Shakspeare. Othello é a personificação do cinne com todas as suas consequências funestas; o homem cego por esta paixão, cometendo o mais barbaro assassinio. Elle que era bom e leal, tornando-se feroz e perfido; elle que tinha n'alma a placidez, tornando-se furioso e colerico; que amava como louco aquella por quem não trocára os mais esplendidos thesouros do mundo, estrangulando-a a no proprio leito onde recebera os mais ardentes e sagrados affectos de sua alma amorosa!

Iago é a bestialidade do crime, monstro de baixesa e perfidia que transmittia em cada palavra, a alma do Monro, o veneno que ia traga-la. Sempre o mesmo, desde o principio ao fim do drama urdindo a tenebrosa trama para a ruina d'aquelles a quem so devia affago e carinhos. Desdemona é a virgem candida e pura, bello rebentão do mais nobre e antigo tronco da nobresa veneziana, que apaixonou-se, não pelo physico, mas pelas virtudes e aventuras do Mruro; que admirando-as com toda pujança

(1) Il est clair pour moi que Shakspeare a voulu nous montrer une âme chargée d'une grande action et incapable de l'accomplir. Cette pensée selon moi domine toute la pièce. (Hamlet). Un chêne est planté dans un vase qui ne devait porter que des fleurs charman-tes; les racines s'étendent et le vase est brisé.



sua alma varonil, idolatra-o, idolatrando-as. Para ella o ennegrecido corpo de Othello era o sacrario benedicto das preciosidades, que d'elle ouvira nos colloquios innocentes do amor. E' a dedicação personificada; suas ultimas phrases são preces por aquelle a quem tanto amara e que depois de injurial-a atrozmente, fazia parar-lhe sob o niveo seio, o coração que só por elle palpitara!

Oh e ella devia morrer! si o ciúme sombrio de Othello, convicto do perjúrio, não tivesse por epilogo a morte de Desdemona, onde a verdade da tragedia? Emilia, mulher inferior a Desdemona, era comtudo sua amiga; ante as declarações de Othello sente-se esmagada pela dôr, não pôde guardar silencio à tanta infamia de seu miseravel esposo e delata-o. Iago, que n'ella sómente, via a mão fatal para derrocar seu monstruoso edificio, mata-a.

A morte de Emilia é necessaria, vem como uma fatalidade apoz a marcha dos acontecimentos em que tomou parte; posto que involuntariamente. Othello depois de tamanha catastrophe não podia viver; sentia um vacuo immenso ao redor de si, depois que dera a morte ao objecto de sua adoração no mundo.

Guardadas as regras da verosimilhança, outro não podia ser o desfecho. Si o drama não tem por missão retratar as trivialidades da vida, comtudo só deve por em jogo caracteres e episodios possiveis: Uma ou outra anomalia social não pôde constituir o seu objecto.

Esta é a nossa opinião sobre o Othello, onde não vemos sómente uma successão de assassinios, como diz Lamartine, e sim episodios verdadeiramente tragicos e caracteres bem sustentados.

Occorre-nos ainda uma observação importante: em quasi todos os dramas de Shakspeare, nota-se infracções graves ao principio da unidade de acção, como se vê no Hamlet onde o conselho aos actores e a scena dos coveiros destacão-se completamente do assumpto em questão (verdadeiros desvios de genio, pois que são pedaços de grande belleza e merito philosophico.) A fôrma é pouco castigada tambem em algumas de suas obras primas e muitas obscenidades marêão o brilho de suas mais esplendidas concepções; no Othello, porém, ha mais correcção

Não queremos collocar este drama no mesmo plano do Hamlet, onde a admiravel creação de Ophelia é por si só bastante para attestar a grandeza d'aquelle genio



que, despedaçando as cadeias Aristotelicas, desfraldou sobre as ruínas do velho classicismo, o estandarte auri-fulgente do theatro moderno; mas divergindo da opinião do illustre e immortal poeta francez, desejamos-lhe um lugar distincto entre as composições Shakspeareanas; por que em nada vem desmerecer a corôa de louros que cinge a fronte divina do pae do Romantismo. Paramos aqui, mas promettemos fazer, no proximo numero, analyse mais circunstanciada, apresentando por essa occasião a traducção de algumas scenas de maior importancia.

Concluindo faremos a seguinte rectificação na poesia por nós publicada no n. 4 da Revista; intitulada—Fragmento do Hamlet— verso 27—onde se lê: Se não fora o temor apôz a morte, deve lêr-se: Se não fora o temor do apoz a morte. A suppressão da palavra—do—feita pelos senhores typographos, altera sobremodo o sentido.

RODOLPHO PAIXÃO—1879.



## O amor paternal e a ingratitude filial

(Do romance « Sofrimento e Redempção » (1))

O Protagonista: « Minha vida era então taciturna e cruciante: reduzido quasi que a miseria, trabalhava para o sustento, afim de, morrendo, deixar à Laura ao menos esta choupana, que a protegesse dos insultos do tempo, e alguns vintens, que lhe poupassem a vergonha de implorar a caridade publica.

« Durante o dia, me entregava ao meo trabalho, e voltava à noite, trazendo o salario com que comprava o pão de amanhã.

« Laura affligia-se vendo-me chegar, de ordinario,

---

(1) Não sendo possível, não só por falta de espaço, como pelo tempo que decorre de um numero a outro da revista, publicar romance inteiro n'ella, publicarei scenas que, não dependendo do enredo, poderão ser lidas como variedades.



em casa, quasi sempre tão cansado, a não poder lhe dispensar uma caricia.

« Eu, por minha vez, chorava a vida triste e solitaria a que, levado pela necessidade, votava aquella alma toda encantos, toda affagos e toda amor, no despartar dos mais bellos dias da existencia, quando o nosso peito vive do ideal encantador que se gera em nosso espirito.

« Laura se achava na quadra a mais bella da existencia: no vicio de sua mocidade, no encanto de seus traços, na graça de seus gestos, no brilho de seus grandes olhos, se manifestava o desejo de um sentimento ignoto a sua alma que a fazia feliz e desgraçada ao mesmo tempo.

« Eu percebia isto, por mais que ella m'o occultasse, adocando com os seus beijos de mel o amargo fêl com que a sorte ingrata borrifava, a todo instante, os meus labios resequecidos pela dor; e, silencioso, temia o desabrochar d'aquelle botão com tanto vicio, no estreito canteiro a que infanta estação me obrigava detel-o, temendo que mais um punhado de terra exuberasse a seiva do amago de seo tronco.

« A principio, quando me dirigia para o meo trabalho, deixava Laura em casa a sós, levando commigo a chave da porta. Fiz isto algumas vezes, porém nunca sem sentir se me despedaçar o peito, por deixal-a tão só, tão triste e tão enjaulada como bravia fêra, que deshumano demandor rouba a liberdade de seus bosques.

« Eu despertava sempre com a aurora, fazia o pequeno almoço, e, depois de estar tudo prompto na mesa, acordava Laura para a refeição. Almocavamos juntos, e, no momento de encerral-a n'aquelle claustro para seguir o caminho de meo trabalho, ainda bem o sol não dissipava os ultimos alhores da manhã, já se fazia noite em minh'alma.

« Um dia, levantando-me da mesa e pousando-lhe nas faces o beijo diario de despedida, senti me humedecer os labios uma gotta quente de seo pranto!

« Olhei: vi-a desfeita em lagrimas!

« O coração se me despedaçou dentro do peito, reprovando as asperezas de meo procedimento para com aquelle pobre orphã; e, deixando a chave em seo regaço, depois de a ter cerrado em meus braços em accção de arrependimento, segui por aquella ladeira, chorando como uma criança.

« Alguns annos se passarão, assim como vos acabo de expôr. Eu, de dia para dia, me sentia mais doente, e via meos males aggravarem-se pouco e pouco.



« Uma noite, quando a melancolia fazia tremer o coração, estava Laura assentada em um pequeno estrado, lendo à luz do candieiro as suas Horas-marianas, debruçada sobre a mesa do jantar no centro da sala, e eu recostado a um dos angulos d'esta, de braços cruzados.

« Uma tristeza profunda e misturada de uma ternura acre do-re afogava minha alma então; e, para mais compungir-me, me veio ferir os ouvidos, n'aquelle instante, os tremulos sons de uma flauta saulosa, que parecia so-prada de proposito por alguém á grande distancia.

« Mergulhado, por aquella musica, ainda mais na ternura que já me falava o peito, eu mirava aquella santa esclarecida pela luz macilenta da lampada, deixando-me humedecerem o rosto copiosas lagrimas, quando um pre-sentimento fatal, acompanhado de uma saudade inaudita, me fez chamar Laura, e lhe dirigir estas palayras :

— Minha filha, eu sinto que poucos dias me serão da-dos a peregrinar n'este mundo, amparando a tua virgin-dade. Bem podia, pois, attrahilo pela amizade que te tenho, passar junto a ti os ultimos dias de minha existen-cia. Mas não! E' preciso trabalhar para, morrendo, te deixar este casebre, afim de teres onde repouzes resguar-dada da chuva e do sól, e algum dinheiro que te poupará á vergonha de esmolar, e que servirá tambem para que não te entregues a prostitui...

« Não pude terminar o meu pensamento ! Mas my-te-riosa correu-me os labios antes que elles expressassem a idéa que me martyrisava a alma, e, depois de um instante de silencio, conclui dizendo:

— Sim filha ! martyrisa-me em vida o pensamento de que, ainda mesmo sob a fria campá, lances um ferro de infamia, sobre as cinzas de teos pais, sobre a memoria de teos avós!

« Laura sobressaltou-se, e se mostrou vexada com as minhas palayras! Não a vi, porém derramar uma só la-grima! Notei apenas no seo semblante a expressão de medo, que attribui ser causado pelo accentto austero de minha cavernosa voz; e, arrependido da severidade de meos gestos e da aspereza de minhas phrazes, cahi-lhe aos pés, dizendo :

— Filha ! Filha!... perdoa, por Deos, os zelos de teu pai!

E's a unica estrella que luz no firmamento escuro de sua existencia! E's o unico pharol em que pouzão os seus desanimados olhos, nas tormentosas borrascas da vida ! O teu seo é a unica guarida que tem o desmorteado



piloto, de quem os ventos e as vagas roubarão até os destroços do fragil lenho em que, perdido, fruío delicias no mar inconstante das venturas! A tua voz é o unico som, a melodia unica que lhe resta do bramir das vagas de então! Falla! falla por Deos, para que o desgraçado naufrago adormeça sonhando com esses tempos que embevecerao sua alma! Canta! canta baixinho aos seos ouvidos, para que elle, adormecendo em prantos no presente escuro, possa despertar sorrindo aos clarões da estrella d'alva, do astro polar, da aurora boreal de sua existencia! . . . Se funesta nuvem lhe roubasse esta estrella que lhe resta; se nefando vento apagassee este pharol; se infausto raio lhe partisse a meio esta guarida... ai filha!... o teu desgraçado pai succumbiria!

« Laura, toda angustia, toda afflicção, soluçando me levantou de seos pés, e, abraçando-me o pescoço, apenas balbuciou estas palavras intercortadas:—pai!... meo pai!... não martyrise mais o meo infeliz coração!...

« Não comprehendí o sentimento d'esta phrase! Talvez fosse o grito extremo de extrema luta, que se dava em sua alma, entre o dever e o amor.

« Este episodio, porém, não deixou a menor desconfiança em mim.

« No dia seguinte, me dirigi, pela manhã, ao meo trabalho, sem que me viesse á mente a lembrança da scena da vespera. Ali estive até meio dia, senão sem-sobresalto, ao menos sem grande vexame. Com o declinar do sol, porém, uma melancolia terrivel se apossou de meo coração, e, desasosegado, nada mais fiz. Deixei o serviço.

« De volta para casa, persegua-me, em caminho, pensamento sinistro: tinha desconfiado de Laura!...

« Senti, a principio, calafrios por todo o corpo, e quasi me estendo livido sobre o caminho!

« Succedeo a esse estado de abatimento— a mais agitada reacção: o inferno de Dante se havia aberto em meo peito, sentia queimar-me as entranhas fogo abrasador, o sangue me galopava nas veias, o desespero, emfim, me offuscava a luz da razão; e, como se fôra um alienado, corria em direcção de casa!

« Na carreira vertiginosa que levava, com os olhos offuscados de cholera, via o solo fugir de meos pés, e, me julgando immovel, me estorcía em desejos de correr, como o desgraçado que, ferido pelo assassino que o persegue, exangue tenta debalde fugir da mão que o mata!

« Ao avistar, de longe, minha casa, viera-me aos labios o sabor de sangue!



« Transpuz, em um instante, com a rapidez do relampago, o espaço que d'ella me afastava, e lançando-me sobre a porta, que se achava fechada, fit-a baquear ao impulso de meu braço, vindo cahir dentro de casa, gritando:

— Laura!... Laura!... filha infame!... desgraçada!... que é feito da honra de meu nome?!... »

« Ai Senhor! a realidade não permittio que ella me respondesse! »

« O pai ludibriado lançava gritos de desespero, que erão apenas respondidos pelos echos de seus clamores!... »

« Laura tinha cedido às instancias de um seductor, de um miseravel, de um desgraçado chamado Roberto Angelo, nome este de um infeliz a quem, com carinho paternal, eu levantára, em tempos mais felizes, da miseria. »

Roberto—ouvindo pronunciar o seu nome, e reconhecendo, na pessoa d'aquelle misero velho, o seu sogro e, mais que isto, o seu protector, o homem que livrara não só elle mas tambem toda sua familia das garras da desgraça, e a quem elle tinha, por sua vez, sepultado nas infellicidades que acabava de ouvir e na miseria em que o via,—deixou-se cahir da cadeira desmaiado!

O anção se apressou em levantar-o, e quando elle voltou a si, lhe disse:

« Ferio-vos a ingratidão de minha filha? Compadecestes-vos de meus males? Louvado seja Deus! Já tive uma alma christã que misturasse as suas lagrimas com as minhas! Oh! como é doce um lenitivo! Por ventura já vos ferio o peito, alguma vez, esse punhal, que aos poucos me dilacerou o coração, chamado ingratidão? »

— Não... sois muito moço ainda, e os vossos tenros fructos não estão em estado de serem roubados. Zelai-os quando sazonados, guardai-os de dia e de noite, para que não vos aconteça o mesmo que a mim. Se soubesseis o quanto dóe uma ingratidão?! Deixai que eu vos pinte o quanto hei soffrido, e aquilatai a minha dor. »

Escola Militar, em 1876.

TITO AMARAL.





## Recordações da infancia

L'espérance n'embellit plus mon avenir; ils ont été courts mes  
jours de félicité!

Glacé par le froid aquilon du malheur, le matin de ma vie est  
voilé d'un nuage.

BYRON

(Tradução de B. Laroche.)

Foste da vida a aurora purpurina  
Mimoso e doce berço da innocencia!  
Onde o lourinho infante é embalado  
No dormir descuidoso da existencia!

Oh! berço, meigo ninho dos anjinhos  
— Celestes Cherubins da Creação;  
Que viajo no mar negro da vida,  
Com a esperança e o amor no coração!

Sobre ti se debruça o amor materno  
N'uma alliança eterna e sacro-santa;  
Essa divina essencia de Maria,  
Esse astro de amor que se abrilhanta!

Porém... quando, meu Deus, verei alegre  
D'outr'ora os ledos brincos infantis?  
Oh! descuidosa infancia, juventude,  
Onde os meus bellos sonhos pueris?

Onde esse ceu azul cheio d'estrellas,  
Que ainda pela aurora matutina  
Da vida, me sorria — esp'rança e amor  
Ao — Mai — balbuciar na voz divina?

Onde as doces caricias recebidas  
Na santa e bella quadra da innocencia?  
E mais tarde o porvir que me sorria  
Pela rosea manhã da adolescencia?

. . . . .  
. . . . .



Oh! abysmo profundo, negro e eterno  
Do passado sombrio e fugitivo!...  
D'uma só vez tragaste-me da infancia  
Meu fechado botão de rosa altivo!

Ah! tudo o que na infancia me era doce,  
Tudo... tudo na fria eternidade  
Do teu seio sepulta-se pr'a sempre...  
O teu seio... essa eterna immensidade!

Oh! porvir, eu te vi brilhante e lindo  
Nos meus sonhos de infante—algente estrella!  
Chimera que passou! Hoje te vejo  
Como um torvo phantasma que atropella.

. . . . .

Mas, debalde pranteio os tempos idos!  
Da pequenina infancia entre os vagidos,  
Meu ceo jaz encoberto!  
Cerrou-se o manto espesso do passado!  
E ao longe no horizonte descampado  
E' me o futuro incerto!

Mas, eu... quero viver, embora a taça  
Se entorne sobre mim, cruel desgraça!  
Eu quero o amor bem quente!  
Nos labios da mulher nua e bacchante,  
Qu'importa, pois... se o amor é o radiante  
Rosicler da manhã da vida ardente!

Qu'importa, Marion?... deixa, Celuta,  
Qu'em teu seio na ardencia prostituta  
Envolve-me maldito!  
Peregrino cansado... avanço, avanço...  
O abysmo tambem é me um descanso!...  
O lago um infinito!

Escola Militar, 10 de Novembro de 1879.

BORGES D'ATHAYDE JUNIOR.





## Nenia

A' memoria de minha sempre chorada irmã

ALDINA MACHADO

Morreu a minha irmã! fatal verdade  
Que espedaça meu pobre coração!  
Miserrimo de mim, que triste vivo  
Da desgraça arrojado pelo chão!

Morreu a minha irmã! rosa ceifada  
Da quadra mais gentil, inda na flor!  
Que me resta soffrer? alma sem vida!—  
Estatua cinzelada pela dor!

E' triste, e muito triste a natureza  
Que outr'ora me sorria tão louçã!  
Tudo, tudo revela entristecido  
Que não tenho no mundo mais irmã!

E não pude, meu Deus! na hora extrema  
Por consolo o suspiro lhe escutar!  
Aperal-a nos braços, delirante  
A fronte já sem vida lhe beijar!

Os meus sonhos de moço, e meu futuro  
Alimentados com amargo afã,  
Jazem murchos, dispersos, sem alento —  
Sobre a campa que encerra minha irmã!

. . . . .  
. . . . .

No dia que deixei maternos lares  
A procura talvez... de uma illusão!  
No momento fatal da despedida  
Nos braços lhe apertei o coração!

Pelo veo da tristeza se cobria  
O seu rosto em que o pranto deslisava!  
Esse pranto expressivo, tão amargo,  
Parecia que tudo adivinhava!



Só me resta, mortal desventuroso,  
Com saudades carpir a minha dor!  
Qual rôla solitária do deserto  
Sem carinho, sem paz e sem amor!

As flores que no prado se deleitam,  
As auras perfumadas da manhã,  
Commigo chorarão eternamente —  
Sobre a campa que encerra minha irmã!

ERNESTO MACHADO.

Côrte — 1877.



## Equivoco

Rompia a madrugada — na janella  
Debruçou-se tão bella e pensativa  
Que julguei que era a imagem rediviva  
De Maria ou a luz d'alguma estrella.

Aproximei meos passos vagarosos...  
O foco luminoso esplandecia:  
O brilho da miragem me atrahia  
C'os fogos seus sublis, esplendurosos.

Os labios carmezins, côr de papoula...  
Cheguei-me para vel-a mais de perto...  
Mas, oh! fiquei parado, boquiaberto...  
Era a joven senhora... uma crioula!

Côrte — 1779.

LEOPOLDO CHAVES.





## Chronica

Tínhamos já escripto a chronica do numero antecedente e achava-se ella já no prelo, quando a mão traçoira do assassino veio arrebatá-la. Um ente é quem presavamos por muitos titulos e cuja perda nos magoou profundamente, não só pelos laços de amizade que á elle nos prendiam, como tambem, e ainda mais, pelas horrosas circumstancias que acompanharam a sua morte. Referimo-nos ao tenente do Corpo de estado maior de 1.ª classe bacharel Ignacio Lucas de Souza, covardemente assassinado na pedreira da praia da Saudade, em Botafogo, na madrugada de 18 para 19 de Abril findo!

Se para aquelles que não o conheceram sua morte foi motivo de grande pezar e de justa indignação, imagine-se o que não seria para os seus amigos e collegas, para os que com elle conviveram na intimidade da vida academica e que foram seus contemporaneos!

Somos deste numero, e podemos assegurar que na Escola Militar, onde fisera os seus estudos desde o curso preparatorio até o de engenharia, o tenente Lucas, pela nobreza de seu caracter e pela amenidade do seu trato, deixou em cada alumno um amigo que, unidos hoje por um só pensamento, invadam todos os esforços possiveis para que as penas da lei caíão inflexiveis e barbaças sobre os seus miseraveis assassinos, como barbaros foram elles na perpetração do crime, como inflexiveis foram a sensibilidade do coração humano.

Não cremos que haja balsamo bastante efficaç para golpes tão profundos. Mas se o pezar de uma classe inteira, nobre e generosa nos seus impulsos e firme na sua dedicação, pode de alguma sorte minorar as dores de um velho pae, nós, constituindo-nos orgão dessa classe, transmittimos ao sr. tenente-coronel Manoel Lucas de Souza e á sua Exma. familia.

Igualmente o transmittimos á familia do nosso jovem e mallogrado companheiro João Augusto de Sá Couto, que, victima de uma congestão pulmonar, succumbiu na noite de 19 do referido mez de Abril, baixando ao tumulo poucas horas depois do tenente Lucas.

A' este — a morte surpreendera já laureado pelas lutas da intelligencia, já paladino do saber, áquelle surprendera no começo dessas lutas, quando apenas expe-



rimentava as suas armas! Um chegou ao tabernaculo da sciencia, ouvira as suas doutrinas e prescrutara as suas leis; o outro, romeiro mais fragil, cahira exausto em meio da jornada e não mais se erguera!

Ambos, porém, são guiados pela mesma luz — a da instrução — e animados pela mesma ideia — a de bem servir a patria.

Ambos têm, pois, direito à nossa admiração, assim como o têm ao nosso pezar e às nossas lagrimas!

..

Prestado esse tributo de saudade à memoria daqueles que presavamos e admiravamos, cabe-nos tratar de outros assumptos, e começaremos dissenho que o bairro de Botafogo, considerado até bem pouco tempo a sede da aristocracia fluminense, e por consiguiente o mais ordeiro e o menos incommodo à policia, está hoje reduzido á uma caverna de ladrões e de assassinos.

Ainda bem não se fechara o tumulo do tenente Lucas, ainda bem não haviam desaparecido do lugar do crime os vestigios deste, e já os jornaes do dia 17 do corrente noticiavão outro não menos attentatorio, praticado por uma quadrilha de sete individuos, que em uma das ruas do dito bairro ataca um cidadão que se recolhia á sua casa, espanca-o e rouba-lhe o relógio e o dinheiro que trazia, sem que a policia viesse em seu soccorro, sem que ao menos ouvisse os seus apitos.

Não somos desarrazoado: reconhecemos que a força policial de que dispomos não é sufficiente para por toda a cidade ao abrigo de crimes desta natureza; reconhecemos ainda que o illustrado sr. chefe de policia faz o que está á seu alcance para preservar-nos da ligeireza do gatuno e do punhal do assassino; porém o que reconhecemos tambem é a possibilidade e urgente necessidade de uma policia mais bem organizada e, sobretudo, de autoridades que zelem melhor do cumprimento de seus deveres, da vida e da propriedade deste povo que supporta com a resignação de Christo a pesada cruz dos impostos que lhe lança pelo suor que transpira e pelos passos que dá; o que reconhecemos tambem, e o que os factos se têm incumbido de demonstrar, é que o actual subdelegado da freguezia da Lagôa, o sr. dr. Siqueira Dias, poderá ser um bom pae de familia, um bom genro, um bom amigo, um bom engenheiro de esgotos, um bom... tudo, porém nunca um bom subdelegado.



Quando na manhã de 19 de Abril finda a população desta cidade despertava surp endida com a noticia do assassinato do tenente Lucas; quando uma parte desta população grupava-se em torno do cadaver, e os alumnos da Escola Militar, como que prevenido a incursão do illustre subdelegado, tomavão-lhe a dianteira nas pesquisas do crime, já cercando casas, já prendendo pessoas suspeitas; quando, finalmente, S. S., ao menos em apparencia, devia se mostrar solícito no exercicio de suas funcções, é justamente quando se mostra enfadado e diz-nos estar ainda em jejum, como se os reclames de sua barriga estivessem acima daquelle triste acontecimento para nos inspirar compaixão!

Uma autoridade que assim procede; que se mostra incredula quando lhe referem um crime, (1) que não se apressa em descobrir os seus autores — ou protege-os ou é frouxo.

Desprezada a primeira hypothese, porque julgamos-a inadmissivel, resta a 2<sup>a</sup>. Mas... o sr. Siqueira Dias é influencia na freguezia da Lagoa; sabe arregimentar phosphoros e sabe bater chapas. E', portanto, um homem necessario, *un bon subdélégué*. Soframos, pois, as consequencias da sua *bonhomie*; entreguemos a bolsa ao gatuno e a vida ao assassino! Entreguemos, porque assim o exigem as conveniencias da firma Sinimbu & Comp.

Não se zangasse S. S., e lhe diríamos que a sua actividade está muito aquem da do seu escrivão Tinoco, em apossar-se das cartas dirigidas á redacção do *Reporter*.

E já que incidentalmente fallamos no órgão das *Exco-vações*, cabe-nos agradecer-lhe a escriptura apreciável que fez dos trabalhos publicados em o n.º 4 da nossa *Revista*.

Sabíamos que o *Reporter* tinha diminuido de formato e de typo; sabíamos que tinha supprimido um — O — no seu titulo; sabíamos que andava impressionado com a idéa de morte e que apenas se vira livre de um *Embal-samado* (2) agarrara-se á um *Esqueleto*. O que não sabíamos ainda, e só agora ficamos sabendo, é que o chiste e o *realismo* de seus *critiqueiros* haviam crescido na razão inversa de seu tamanho — e que a traducção de *Hamlet*,

(1) Vide o *Jornal do Commercio* de 17 de Maio de 1879.

(2) E que *Embal-samado*!



do sr. D. Luiz, publicada em folhetins no dito *Reporter* e por elle classificada de *chefe-d'obra* não passa de uma pessima traducção.

Verdade é que critica daquelle modo, agarrado ao bordão da semsaboria dando bordoadas de cego, taxando-nos de vadio, vaidoso, chocarreiro, etc., etc., é cousa tão facil como facil nos é dizer que a questão do observatorio astronomico entre os srs. Liais, Reis e Godofredo já transpôz as raias das coisas sérias e cahiu no mesmo terreno em que cahirão os criticos dos trabalhos de Pedro Americo e Victor Meirelles, d'onde não os poderá levantar nem mesmo o potente braço com que o sr. Conselheiro quadrado (1) Martin Francisco ameaça esmigalhar-nos a *bitacola*.

Mais um *cavaco*, e com elle terminaremos esta chronica, filha legitima da preguiça, porem inteiramente estranha á vaidade. O collega do *Reporter* é intransigente em assumpto de escolas.

Arvorou-se em missionario do *realismo* e quer a todo o transe converter meio mundo. Chicotea atrozmente os escriptores idealistas, chama-os de choramingas, sem se lembrar de que entre os da sua escola há tambem quem tropece em cheio. Quer exemplos? Leia:

« Vinha tombando a noite. Escurelão sem fim.  
*Negra como o terror, triste como Caim.*

.....  
Silencio sepulchral! mudez profunda e calma!  
Fechavam-se tremendo as *petalas d'alma*.

.....  
Não revolvias no leito os teus heroicos flancos,  
Não estoavas na praia os teus *soluços brancos*.

.....  
O genio primitivo, o genio do ideal,  
*Almas feitas de bronze e feitas de crystal.*

.....  
Corria pelo espaço um *negro magnetismo*.

.....  
Sabe o *Reporter* donde é isto?

E' de um poema que é o evangelho de muitos escriptores *realistas*; é da lavra de um homem para quem « a verdade é a base da poesia e a forma d'arte é de uma

---

(1) No sentido mathematico, isto é :

Conselheiro  $\times$  Conselheiro = Conselheiro<sup>2</sup>



correcção geometrica, pithoresca, inexcedivel, e cada adjectivo em bisturi.»

E' do Sr. Guerra Junqueira.

Ora diga-me o *Reporter*: O que lhe parece aquelle magnetismo negro, aquelles soluços brancos, aquellas almas de bronze e de crystal?

Onde a *imitação* da natureza? Onde a realidade?

E' que lá e cá...

Se conhecessemos algum trabalho do illustrado critico do *Reporter*, que sem duvida é um realista *enragé*, talvez lhe apontassem nestas linhas pontos fracos.

Talvez.

Emquanto não chega a oportunidade, faremos votos para que o órgão das *Excavações* cresça e prospere á sombra dos seus *Carvalhos*, sob a guarda dos seus *Leões*. Faremos também votos para que as suas palayras em materia de critica tenham d'ora em diante o cunho do bom senso e da logica.

M. V.

## EXPEDIENTE

Fomos obsequiados durante o mez com os seguintes jornaes: da Corte e provincia do Rio de Janeiro: — *Diario de Campos*, *Monitor Campista*, *Revista Illustrada*, *União Academica* e *Nebulosa*; do Amazonas: — *Echo Militar*; do Pará: — *Equador* e *Puraquê*; do Maranhão: — *Commercio de Caxias*; do Ceará: — *Pedro II<sup>o</sup>*; do Piahy: — *Semanario*; do Rio Grande do Norte: — *o Liberal*; da Parahyba do Norte: — *O Liberal Parahybano*; de Pernambuco: *Diario de Pernambuco*; das Alagôas: — *o Paulo Affonso*; do Espirito Santo: — *Espirito-Santense* e *Gazeta da Victoria*; de Sergipe: — *o Guarany* e *o Pharol*; de São Paulo: — *Gazeta de Campinas*, de Santa Catharina: — *O Conservador*, *o Despertador*; de Minas Geraes: — *Baependyano*, *Mosaico Ouro Pretano*, *Colombo* e *Monitor-Sul Mineiro*; do Rio Grande do Sul: — *Violetta*, *Livramento*, *Caixeiro*, *Alvorada*, *Revista Gabriellense*, *Echo da Fronteira*, *Reforma*, *Figaro*, *Cruzeiro do Sul*; do Matto-Grosso: — *O Liberal*.

Si ás redacções de todos esses jornaes, agradecemos cordialmente o sympathico obsequio que nos dispensam, aos Redactores da União-Academica e Nebulosa não podemos deixar de enviar os nossos emboas.

União Academica e Nebulosa: dois periodicos de publicação recente que veem satisfazer uma lacuna da imprensa brasileira: divulgar e discutir factos e questões da sciencia. Bem hajam os que assim procedem, não desnaturalizam o destino da imprensa. O jornal é um livro manual, portatil, é um livro universal: sua principal missão é contribuir para a boa educação do povo. Como arma de progresso é uma alavanca: destruindo o mal deve construir o bom. Como destruirá o mal? Pela critica, porém a critica sensata, a critica que tenha em vista a ordem, que tenha por fim o progresso: a critica que se baseia na sciencia, e não a critica infelizmente *espirituosa* dos nossos jornaes. Essa critica que nem é o *sidendo castigat mores*, em vez de anemathisar o mal, inspirando ao povo o desejo de evital-o e apontando ao culpado toda a profundez de seu erro, de sua ignorancia, de sua immoralidade, tem a pernicioso propriedade de fazer com que rindo das proprias desgraças julgemo-nos com o direito de ser sempre comediantes, esse direito que nos conserva imersos na ignorancia e superficialidades, ainda mesmo quando se trata das questões as mais solennes e momentosas, quando nos achamos investidos das funcções as mais graves e difficeis. A isto não se chama educar, chama-se corromper. Si em vez das gargalhadas nos desse a imprensa o sorriso morsivo da ironia, ou o sorriso amargo da desillusão ainda bem: mas infelizmente é o riso... desillusao

Como trabalhar para o bem? Procurando as leis da evolução humana, e trabalhando no sentido d'essas leis. Architecturando de accordo com ellas.

Isto se consegue pela analyse que tenha por instrumento de diseccação a sciencia e, depois pela synthese, que tenha como força de reconstrucção a mesma sciencia. Aos collegas pois que tomam o estandarte da ordem e seguem o caminho do progresso, porque ordem e progresso só nos dá a sciencia, os nossos parabens.



est. Medeiros & Silva

Campanha

Minas Gerais

ASSIGNATURAS

Anno 68000  
Semestre 38000  
Numero \$500

Pagamento adiantado

Recebe-se a correspondencia e assigna-se na Livraria  
Encyclopedica dos Srs. Maia & Ramos

113 Rua de S. José 113